

A INFLUÊNCIA DOS *IRMÃOS DA VIDA COMUM* NA OBRA *DIDÁCTICA MAGNA* DE COMENIUS¹

Samira Saad Pulchério Lancillotti
Mestre em Educação
ssplotti@uol.com.br

O objetivo deste trabalho é a busca de elementos de ligação entre as ações dos *Irmãos da Vida Comum* – comunidade religiosa católica, fundada em 1371 pelo ministro neerlandês Gehard Groote (1340-1384), e que teria instituído “as únicas reformas duradouras do século XV”², particularmente na Renânia e nos Países Baixos – e a obra *Didáctica Magna*, de João Amós Comenius, bispo morávio considerado pela historiografia o pai da pedagogia.

A despeito de nunca haverem (os *Irmãos*) tentado uma ruptura com a Igreja Católica e de terem a expressa aprovação papal, reputa-se à irmandade haver exercido grande influência sobre a reforma protestante. A preocupação com questões educacionais teve grande repercussão, especialmente a defesa do uso da língua vernácula na educação e na pregação religiosa.

Entende-se que Comenius tenha dado a forma mais acabada à escola moderna, favorecendo em definitivo sua universalização. Entretanto evidenciar os traços da proposta dos *Irmãos da Vida Comum* em sua obra favorece a compreensão do movimento histórico, em curso na transição da sociedade feudal para a capitalista, e de como esse movimento impactou a educação.

É nosso intento indicar como se instituíram, progressivamente, no bojo das transformações estruturais da sociedade, elementos modernizadores na educação, resultando na obra de Comenius, no século XVII, quando se delineou, a partir dos elementos herdados de períodos anteriores, a escola na qual seria possível *ensinar tudo a todos*.

Para apreender o movimento concreto, que possibilita o surgimento de mudanças no campo educacional, é essencial entender as mudanças estruturais estabelecidas na sociedade.

Segundo Franco Jr.³ a sociedade europeia assistiu, no século XII, a uma ampliação do segmento de trabalho assalariado, em decorrência do barateamento da mão-de-obra – como resultado do aumento populacional, da utilização intensificada das técnicas produtivas existentes (sistema trienal, arado, força motriz animal) e da difusão de outras (adubo mineral, moinho de água, moinho de vento). Entretanto, a despeito de

¹ Trabalho apresentado no VI Seminário do HISTEDBR, realizado em Aracaju/SE no período de 10 a 14 de novembro de 2003.

² EBY, 1970, p. 13.

³ FRANCO Jr. 1992, p. 49-50.

esse nível técnico da agricultura, no final do século XIII, ser praticamente equivalente ao do século XVIII, a produção era reduzida.

Outra importante transformação, ocorrida nos séculos XI-XIII, foi o revigoramento do comércio, possibilidade aberta a partir da existência de um excedente agrícola. O segmento social envolvido com o comércio, ainda que reduzido, passou a ganhar importância crescente, particularmente os comerciantes que se dedicavam ao comércio de longa distância.

O incremento comercial e demográfico fortaleceu as cidades, para as quais acorriam grandes contingentes humanos dispensados das atividades rurais. A população urbana, impelida pela necessidade de oferecer ao campo alguns bens em troca de alimentos e de matérias-primas, buscou autonomia a partir da produção de produtos diferenciados. Esse movimento impulsionou as atividades artesanais, que ganharam corpo na medida em que as necessidades urbanas e rurais se multiplicaram em função do progresso econômico. As principais indústrias medievais eram a de construção e a têxtil.

Franco Jr.⁴ ainda enfatiza a monetarização da economia como uma das mais importantes transformações ocorridas na Idade Média, o que deu lugar ao surgimento da atividade bancária, na Itália. O autor indica que “a produção industrial nas cidades estava organizada em associações profissionais que chamamos de corporações de ofícios, na Idade Média conhecidas apenas por ofícios”⁵. Aponta que o papel das corporações nesse período era modesto, e que somente após 1120 as corporações de artesãos se generalizaram.

Entretanto, é importante recuperar, com Rugiu⁶ a visão de que na Idade Média vigorava, no âmbito dos mosteiros, uma divisão técnica e social do trabalho que atendia a um rigor desconhecido até então. Era um modelo formativo incontestável, exitoso e apresentava estruturas e funções similares, em muitos aspectos, aos da sucessiva organização das Corporações.

Rugiu entende que “existem alguns aspectos da formação nas Corporações claramente derivados daquela já adotada nos mosteiros”⁷. O que deve ser sublinhado é que a Igreja já iniciava uma incursão na divisão técnica e social do trabalho, o que seria uma característica marcante do trabalho posterior, nas manufaturas, que se vão configurando progressivamente até tornar-se forma predominante do processo produtivo, de meados do século XVI ao último terço do século XVIII.

No século XII, a Europa ocidental assistiu a uma fase de marcado crescimento econômico. Entretanto, adentrou no século XIV em uma fase de depressão, a qual se

⁴ FRANCO Jr., 1992, p. 53.

⁵ Ibid., p. 54.

⁶ RUGIU, 1998, p. 27.

⁷ Ibid., p. 28.

prolongaria até a transição do século XV para o século XVI. Enfrentou uma grave crise social, que apontava o esgotamento de um sistema produtivo, no qual o nível de produção não atendia às demandas impostas pelo crescimento populacional. Com a crise, a miséria e a mortalidade elevaram-se, e a tensão social tornou-se mais aguda.

Evidencia-se, assim, uma grande distância entre o *esplendor do século XIII e o convulso século XIV*, quando começa a desmoronar o longo período medieval. “Nessa encruzilhada da história anuncia-se a aurora de nova época e de nova civilização.”⁸

Segundo Eby⁹, nenhum lugar reunia condições mais favoráveis ao surgimento de uma vida cívica livre do que os Países-Baixos. As estradas de tráfico comercial do norte convergiram para essa zona; e nenhum outro povo estava tão estreitamente ligado à vida progressiva da Espanha e Itália. Cidades prósperas haviam surgido, incentivadas pelo crescimento comercial, e, conseqüentemente, a população enriquecera. Essas condições permitiram o cultivo das Artes, da Ciência, da Literatura e da Religião.

Ao identificar o ponto inicial da reorganização do ensino, Dilthey aponta o surgimento da comunidade dos *Irmãos da Vida Comum*, e destaca que a irradiação de toda essa organização partiu de Deventer, cidade onde nasceu Gehard Groote, seu fundador.

Groote estudou na Universidade de Paris, ensinou em Colônia depois de três anos de vida penitente e, posteriormente, fez pregações em língua flamenga até ter sido proibido de pregar. Revoltou-se com a corrupção do clero e a decadência dos costumes, empenhando-se em verdadeira reforma religiosa. Em 1371 fundou a congregação dos *Irmãos da Vida Comum*, ou jeronimianos, com aprovação e apoio entusiástico de amigos e discípulos. Desde o final do século XIV, os *Irmãos* dedicaram-se ao ensino, espalhando-se pela Holanda, Bélgica e Alemanha.

Eby afirma que “A reforma de mais amplas conseqüências, introduzida por Groote e pelos *Irmãos*, foi o emprego da língua materna na pregação e no ensino [...] Nenhum dos grupos anteriores à Reforma igualou os *Irmãos da Vida Comum* na extensão de suas reformas”¹⁰.

Bonet-Maury¹¹ afirma que a congregação dos *Irmãos da Vida Comum* passou por três fases. De 1371 a 1400 teria vigorado a primeira fase, a *idade mística* – período em que as preocupações centrais eram de caráter espiritual e de reforma religiosa. O segundo período, de 1400 a 1450, ele denomina *idade escolar*, quando os *Irmãos* começaram a dirigir escolas elementares, estabelecidas junto às suas casas, ensinando crianças. E, finalmente, a terceira fase, de 1450 a 1600, a *idade literária* ou *humanística*,

⁸ NUNES, 1980, p. 13.

⁹ EBY, 1970, p. 11.

¹⁰ Ibid., p. 12.

¹¹ Apud NUNES, 1980, p. 98.

período em que os *Irmãos* converteram as “casas” em ginásios e passaram a cultivar o humanismo.

Segundo Eby¹² foi João Cele o primeiro dos *Irmãos* a tornar-se professor. Ele era amigo de Groote e assumiu a direção da escola da cidade de Zwolle, de 1374 (ou 1375) até sua morte em 1417. Cele se destacou por estabelecer a divisão do ensino, importante elemento de modernidade instituído pelos *Irmãos da Vida Comum*, o que conferiu indiscutível preponderância a esse trabalho educativo. O ensino foi dividido em oito classes graduadas, das quais as duas últimas passaram à responsabilidade de especialistas em cada matéria.

Outra figura de destaque entre os *Irmãos* é João Sturm (1507-1589), considerado o gênio organizador do Humanismo na Europa Setentrional. Como nenhum outro educador, ele vislumbrou claramente o objetivo da instrução clássica, conseqüentemente soube propor métodos e currículos adequados ao seu intento e a forma de organização que melhor permitiria o alcance dos objetivos ensejados pelos novos tempos. Suas reformas educacionais estabeleceram o modelo para o ginásio clássico.

O objetivo do curso era, a partir da infância, levar o aluno a alcançar a eloqüência ciceroniana. Para tanto foram projetadas inicialmente nove classes, em 1565 acrescentou-se a décima, com aulas *obrigatórias e contínuas*. As classes eram estreitamente articuladas e deveriam seguir-se de um colégio ou curso universitário de cinco anos com aulas *públicas e livres*¹³. Cada classe tinha objetivo claramente definido: o ensino era graduado de acordo com a idade, e o desenvolvimento intelectual do aluno. O trabalho, a ser realizado durante o ano, era estabelecido pormenorizadamente; os métodos de instrução e os conselhos eram também formulados, em detalhes, para cada professor. Sturm influenciou grandemente a educação do século XVI.

Mas, como afirma Hubert, estes movimentos não são mais do que “pródromos da grande revolução pedagógica do século XVI”¹⁴. O autor assevera que, somente a partir do século XVI, foi possível assistir à emergência de uma proposta pedagógica absolutamente nova, que atendesse plenamente às novas necessidades sociais. E, a despeito de a historiografia reconhecer o papel fundamental cumprido por muitos homens¹⁵, para o estabelecimento de uma sistematização pedagógica original, é a Comenius que se confere o mérito de haver instaurado, no século XVII, uma nova didática.

A este ponto do trabalho, falta-nos cumprir com seu principal objetivo: indicar as possíveis influências do trabalho dos *Irmãos* sobre a obra *Didáctica Magna* de Comenius. Buscamos, na obra indicada, as possíveis referências diretas ao trabalho da irmandade

¹²EBY,1970, p. 20.

¹³NUNES,1980, p. 182.

¹⁴HUBERT, 1976, p. 41.

¹⁵ Com destaque ao trabalho de Wolfgang Ratke.

ou de seus continuadores, e, embora não as tenhamos encontrado, arriscamo-nos a afirmar que o trabalho educativo, iniciado pelos *Irmãos da Vida Comum*, contribuiu, ainda que de forma indireta, para a proposta pedagógica de Comenius. Essa vinculação aparece como possibilidade a partir da mediação da categoria *organização do trabalho didático*¹⁶.

Na medida em que a organização do trabalho didático implica uma relação entre educador e educando, e que essa relação é atravessada pela história, podemos observar de que maneira os novos tempos passaram a exigir uma relação diferenciada daquela estabelecida no período medievo: uma relação educativa individualizada, entre preceptor e discípulo, de acesso restrito dado seu alto custo. Na transição da sociedade feudal para a capitalista, a progressão da demanda por educação impunha uma nova organização do trabalho educativo, que permitisse a ampliação das possibilidades de atendimento educacional pelo seu barateamento.

Alves destaca o papel preponderante exercido por Comenius, para a universalização da escola:

O educador morávio pressupunha uma organização para a atividade de ensino, no interior da escola, que visava equipará-la à ordem vigente nas manufaturas, onde a divisão do trabalho permitia que diferentes operações, realizadas por trabalhadores distintos, se desenvolvessem de forma rigorosamente controlada segundo um plano prévio e intencional que as articulava, para produzir mais resultados com economia de tempo, de fadiga e de recursos.¹⁷

A divisão do trabalho didático é o elemento de ligação que encontramos entre o trabalho dos *Irmãos da Vida Comum* e a obra *Didáctica Magna* de Comenius. Há aí um interregno de cerca de dois séculos, período de transição, no qual as contradições presentes – entre o modo de produção e as necessidades sociais – impunham mudanças estruturais, e no qual também institui-se gradativamente a fragmentação do trabalho, divisão do todo em partes que, articuladas, permitiriam o aumento da produção. Período no qual assistimos à gradativa superação do trabalho artesanal pelo trabalho manufatureiro.

Foi uma imposição dos novos tempos, decorrência direta da emergência de um novo modo de produção, no qual o trabalho coletivo e combinado permitiria um salto qualitativo em relação ao período anterior. Foi nesse contexto que Comenius propôs-se a buscar os meios para “*ensinar tudo a todos*”. Para tanto considerou que:

A arte de ensinar nada mais exige, portanto, que uma habilidosa repartição do tempo, das matérias e do método. Se conseguirmos estabelecer com exatidão, não será mais difícil ensinar tudo à juventude escolar, por mais numerosa que

¹⁶ “No plano mais genérico e abstrato, são três, necessariamente, os elementos constitutivos de nossa acepção de *organização do trabalho didático*. É pacífico, em primeiro lugar, o fato de ser uma *relação* que coloca, frente a frente, o educador, de um lado, e o(s) educando(s), de outro. E se realiza com a *mediação* de instrumentos didáticos, que envolvem as tecnologias educacionais e os conteúdos ministrados, no âmbito de um *espaço físico* preciso” (Alves, 2001b).

¹⁷ Id., 2001a, p. 82.

ela seja, que imprimir, com letra elegantíssima, em máquinas tipográficas, mil folhas por dia, ou remover, com a máquina de Arquimedes, casas, torres ou qualquer espécie de pesos, ou atravessar num navio o oceano e atingir o novo mundo.¹⁸

Fica evidente, a partir desses fragmentos, que a divisão do trabalho é considerada por Comenius como elemento essencial para a nova organização do trabalho didático, através da graduação seria possível atender de maneira ordenada e bem sucedida um maior contingente de educandos.

No prefácio da *Didáctica Magna*, estão indicadas as principais influências ao trabalho de Comenius, com destaque a: Elias Bodin, João Cecílio Frey, Ratke, Lubin, entre outros. Considera-se, também, que Comenius conhecia bem a obra de Lutero, Melanchton e Calvino, bem como a dos jesuítas e a de João Sturm, além dos reclamos por reformas pedagógicas propalados por Erasmo, Montaigne e Rabelais.

Esses conhecimentos constituem a base sobre a qual Comenius instituiu uma nova sistematização pedagógica. Destarte não encontrarmos referências mais diretas ao trabalho dos *Irmãos da Vida Comum*, tem-se nas figuras de Sturm e mesmo de Erasmo desdobramentos daquela proposta educacional, que faz parte do *cadinho* no qual Comenius encontrou os elementos para a construção de sua genial proposta didática.

Consideramos que essa possibilidade se estabeleceu sobre uma base concreta dada pelo contexto social presente. Comenius, alinhado com as necessidades emergentes de seu tempo e com as respostas conferidas socialmente a essas demandas, propôs uma nova sistematização para o trabalho didático e a criação de um novo instrumento de trabalho (o manual didático) imprescindível à expansão da escola, para que fosse finalmente possível *ensinar tudo a todos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande: Ed. UFMS; Campinas: Autores Associados, 2001a.

_____. Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 5, 2001. **Anais...** Campinas: Graf. Central UNICAMP, 2001b. 1 CD.

CHÂTEAU, J. **Los grandes pedagogos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

COMÊNIO, J. A. **Didáctica Magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

DILTHEY, G. **Historia de la pedagogia**. 5.ed. Buenos Aires: Losada, 1957.

¹⁸ COMÊNIO, 1996, p. 186.

EBY, F. **História da Educação Moderna**: teoria, organização e prática educacionais (séc. XVI – séc. XX). Porto Alegre: Editora Globo, 1970.

FRANCO Jr. H. **Nascimento do ocidente**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HUBERT, R. **História da Pedagogia**. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MONROE, P. **História da educação**. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

NUNES, R. A. C. **História da educação no Renascimento**. São Paulo: EPU, 1980.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.